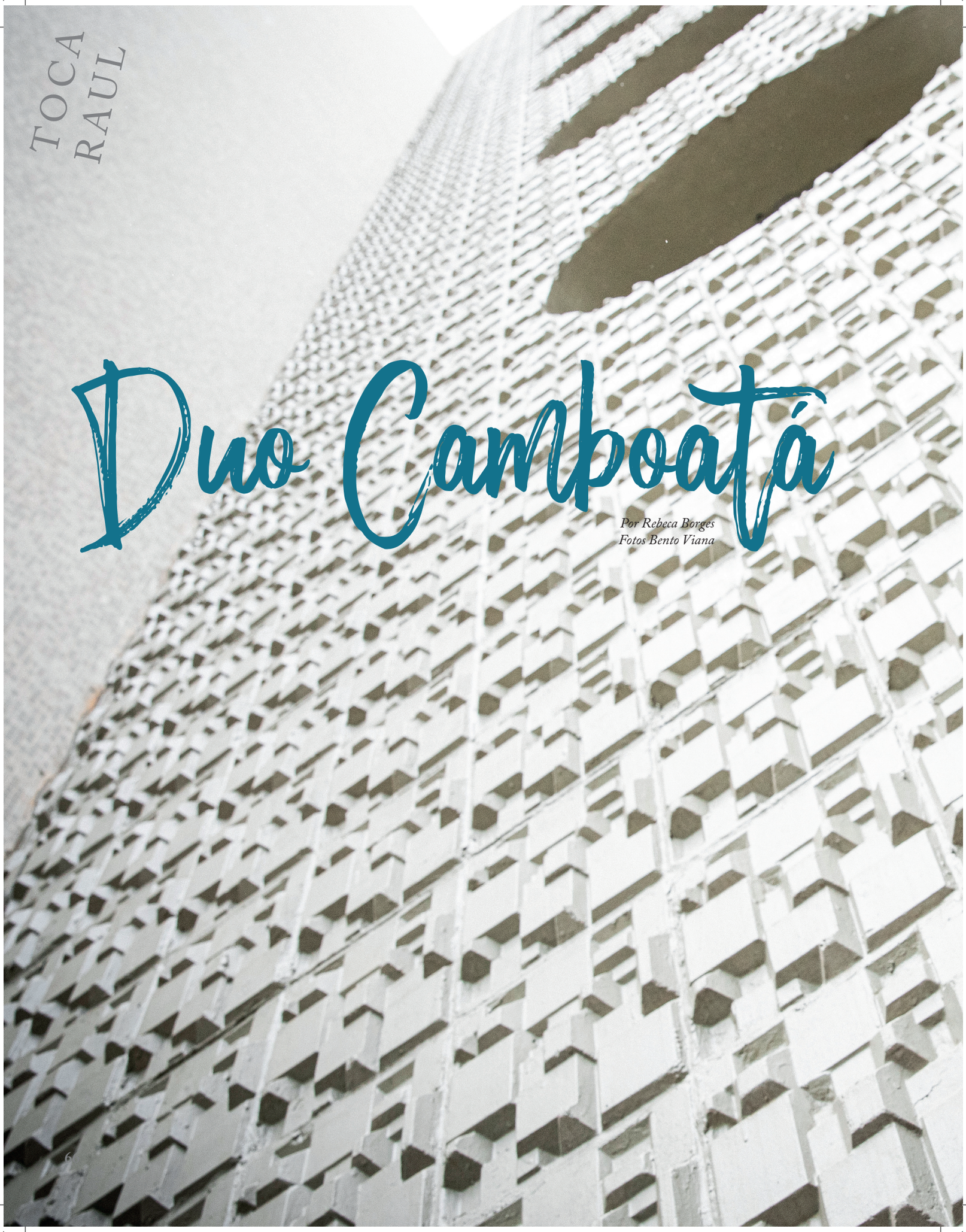
Duo Camboatá

Por Rebeca Borges
Fotos Bento Viana



revista_tracos_edicao_37.indd 66 12/02/2020 06:54

revista_tracos_edicao_37.indd 67 12/02/2020 06:54

Fotos: Bento Viana

O sorriso de Aidê transmite alegria, felicidade que lembra a infância. Calor aconchegante que apenas a luz solar é capaz de trazer. Enquanto isso, Salomé e sua personalidade, quieta e reflexiva, simboliza a sabedoria dos mais velhos. As duas mulheres se completam, como dia e noite. Lembradas nas cantigas tradicionais de capoeira, Aidê e Salomé são personagens representadas por Naiara Lira e Maboh (Marielhe Borges), integrantes do Duo Camboatá.

"A galera responde lindamente,

"Pela união dos nossos poderes a gente representa a força da mulher negra", explica Naiara. O Camboatá nasceu com objetivo de cantar cantigas para rodas de capoeiristas. Mas de um jeito diferente. Performático, grandioso, em forma de espetáculo mesmo. Embaladas pelos sons do djembe (tambor de madeira), berimbau, pandeiro, agogô e da flauta transversal, as vozes do duo cantam sobre guerreiras de ontem e de hoje, misturando tradição e novidade.

A vontade de incorporar novos elementos veio de uma inquietação sobre a falta de arranjos musicais elaborados nas músicas tradicionais. "Esse foi o embriãozinho do Camboatá: cantar cantigas de capoeira, fazer apresentações performáticas com arranjos vocais, incluir instrumentos com harmonia, não só berimbau. E falei: quero mulheres negras comigo", relembra Naiara sobre o início do projeto, em 2015.

Assim como Aidê e Salomé, Naiara e Maboh uniram toda sua força e potencial para dialogar com mulheres negras, seja como for. É por isso que o Camboatá utiliza, além da música, outras linguagens artísticas nas apresentações. Dança, teatro, poesia. Tudo e mais um pouco.

O repertório conta com a declamação de poemas sobre a temática racial (como Gritaram-me Negra, de Victoria Santa Cruz, e Navio Negreiro , de Castro Alves),

revista_tracos_edicao_37.indd 68 12/02/2020 06:54

intercalada com cantigas tradicionais adaptadas: versos machistas e racistas são trocados por letras que exaltam o papel da mulher negra dentro das rodas de capoeira.

Em 2019, o duo levou o trabalho pras ruas. Com apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), elas fizeram uma turnê em locais públicos de cinco cidades: Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Vila Planalto, Cruzeiro e Vila Telebrasília.

"Queria muito chegar nesses espaços onde existem mulheres negras. A gente decidiu ir pra rua por conta disso. A gente já cantou no Clube do Choro de Brasília, por exemplo. É um espaço que a gente quis, mas não é o nosso foco. Não é a classe A que a gente tá procurando", conta Naiara.

A turnê deu origem a um mini-documentário, publicado nas redes sociais do Camboatá. As imagens não mentem: a conexão do público com as artistas durante as performances é intensa. "A galera responde lindamente, eles ficam vidrados porque sentem que é com eles, que é pra eles", conta Maboh.

Em 2020, o Duo segue usando a versatilidade na arte: a ideia é lançar um EP com músicas autorais, com uma pegada mais eletrônica. O Camboatá também deve ir pras telas: Naiara e Maboh farão parte do filme A Empregada da Sufragista (baseado no espetáculo de mesmo nome do qual o duo participou, escrito por Naiara, em parceria com Gabi Porfírio).

eles ficam vidrados porque sentem que é com eles, que é pra eles."

revista_tracos_edicao_37.indd 69 12/02/2020 06:55